

Vitória Ferreira



## PÉROLAS DE LIZZIE CITY

Se a carapuça servir, vista-se!

Numa pacata rua de um tal de Setor Ipiranga, vivia uma família de três componentes. Era o casal Araceli e Heitor, e eles tinham uma filha de quinze anos cujo nome era Juno. Araceli era enfermeira de um postinho de saúde. Heitor estava desempregado no momento. Lizzie City era uma cidade escassa de oportunidades. Somente Araceli conseguiu a vaga de emprego, e Heitor ficava fazendo os trabalhinhos domésticos. Um exemplo de casal moderno. Logicamente Heitor estava bem frustrado por não trabalhar, mas ele tinha esperanças de um dia chegar lá. Muito inteligente ele era. Formado em Radiologia, não havia emprego para ele em um meio de mato onde só havia um postinho de saúde minúsculo que as pessoas insistiam em chamar de hospital.

Juno era o que podemos chamar de adolescente perfeita. Uma morena linda, da cor do chocolate com leite. E cantava com uma linda voz angelical. Aluna mais

inteligente do colégio, sempre com as melhores notas, melhores redações e as opiniões mais idealistas, admirava a todo o corpo docente e coordenação da escola. Cidades pequenas como Lizzie City, que são do tamanho de um ovo de galinha, Juno era bem conhecida, digamos que ela fosse uma celebridade local.

A princípio, isto tudo aparenta ser um conto de fadas estrelado pela família feliz do comercial de margarina e ambientado num reino encantado. Mas as coisas não funcionam bem assim. Os três passaram altos perrengues em Lizzie City, uma cidade que de bonito só tem o nome.

De frente para a casa de Araceli, Heitor e Juno, morava a outra família de três. O casal Rosa e Paulênio, com sua filha Marielle, de dezesseis anos. Rosa também trabalhava no postinho, era dentista. Aquela dentista que é o pesadelo das crianças e dos adultos também. Uma figura medonha e espantosa, que adorava ostentar sua seringa de anestesia e fazer uma risada maléfica típica de bruxa. Era assim que ela era conhecida pela criançaada. Paulênio era um baiano tranqüilo, que só ficava em casa mesmo. Ele era recém chegado em Lizzie City. Durante uns bons meses, Rosa e Marielle moravam sozinhas na cidade. A princípio, Araceli até pensou que Rosa fosse divorciada.

Marielle era uma menina mimada, insuportável, prepotente, falsa que só vendo. Totalmente o oposto de Juno. Marielle era uma sarará do cabelo de fogo, feia que

dói. Ela e Juno eram “amigas”, diga-se de passagem. Marielle freqüentava bastante a casa de Juno e vice-versa.

As duas famílias até que eram “amigas”. Famílias com pensamentos totalmente opostos. A família de Araceli, vivia debaixo dos preceitos cristãos evangélicos, eram pessoas comportadas e exemplares. Já a família de Rosa, era o inverso. Católicos roxos, daqueles que freqüentam a missa. Mas não abriam mão de uma boa loira gelada.

Como foi dito anteriormente, a história passa longe de ser um conto de fadas. E a palavra “amigas” está entre aspas porque ninguém era amigo coisíssima nenhuma. Rosa e companhia eram pessoas bem falsas e dissimuladas. E a máscara não demorou em cair. Logo, a família “muy amiga” se transformou na principal rival da família de Araceli. Mas qual seria o motivo de tamanha antipatia e aversão? Isso que o que veremos a seguir.

Tudo começou com a “amizade” entre Juno e Marielle. Elas passavam tardes a fio conversando, jogando, brincando, assistindo a seriados americanos e clipes da MTV. Mas o que Juno não sabia, era que Marielle era bem falsinha. E ela adorava criticar.

- Ah, Juno. Essas suas Hello Kittys são muito peba. Eu não gosto da Hello Kitty. - disse Marielle um dia desses, criticando as bonecas de Juno.

- Minha tia que mora no Japão mandou para mim. - disse Juno - E elas são muito bonitinhas, nem venha criticar.

Juno, logicamente, contou a Heitor sobre a crítica feita por Marielle. Ele não hesitou em chamar a atenção de Marielle em relação a isso. Ela, na defensiva, disse que estava só brincando. Mas era mentira. Marielle criticou de verdade.

Mas a verdadeira sacanagem que desencadeou a rivalidade entre as famílias Bragança e Aquino estava para acontecer. Na verdade, isso não desencadeou e sim fez a máscara cair.

Foi numa dessas manhãs de sábado. Juno foi até a casa da vizinha para entregar-lhe uns biscoitos. Cidade pequena, jeito acolhedor, pessoas compartilhavam suas iguarias entre a vizinhança. E quando Juno passava pela rua, Marielle, que estava na janela de sua casa, fez o gesto obsceno do dedo do meio para Juno, sem que ela percebesse. Mas Araceli viu tudo e deu uma bronca em Marielle.

- Marielle! - disse Araceli - Pode parar. Na minha casa você não põe mais os pés. Você se diz amiga da Juno, mas basta ela estar de costas que você já dá o dedo do meio para ela.

Vitória Ferreira

Marielle ficou furiosa da vida e foi fazer queixinhas para Rosa.

- Mãe, a Araceli brigou comigo e disse para eu nunca mais ir a casa dela. - disse Marielle.

- Essa Araceli é desaforada mesmo. Isso não vai ficar assim. A mamãe vai dar uma boa prensa nela. - disse Rosa.

Quando Juno voltou da casa da vizinha, Araceli explicou o que se passava no momento.

- A parada é a seguinte. A Marielle nunca mais vem aqui em casa e nem você vai mais a casa dela. Não quero mais vocês duas juntas. Essa menina é falsa e é uma péssima companhia para você. – disse Araceli.

- O que aconteceu para você tomar essa decisão? – perguntou Juno.

- Agora a pouco, quando você foi ali na vizinha, a Marielle fez um gesto obsceno para você nas suas costas, mas eu vi e dei uma bronca nela.

- Como eu pude ser tão ingênua. Aquela falsa se dizia minha amiga, freqüentava a nossa casa. Agora eu estou revoltada. Eu estou me sentindo uma idiota.

- Não se sinta assim, a única idiota é ela. Foi bom ela ter feito isso, pelo menos a máscara dela caiu e você descobriu realmente quem era a peça.

- Olhando por esse ângulo... Essa menina é muito falsa e dissimulada. Eu já venho percebendo a postura dela faz tempo. Desde aquela vez em que ela criticou as minhas bonecas que a minha tia mandou do Japão.

- Aquela menina tem é inveja de você. Então a suposta amizade de vocês se acabou hoje. E eu também não vou me misturar com aquela gente da Rosa. Povo bagunceiro que adora uma cachaça, credo.

O gesto obsceno de Marielle rendeu uma polêmica lascada. Rosa foi prontamente tirar satisfações com Araceli.

- Escuta aqui, sua desaforada. Quem você pensa que é para brigar com a minha filha? – disse Rosa.

- Aposto que a sua filhinha mimada não te contou a verdadeira versão da história. Acontece que ela fez o gesto obsceno para Juno sem que ela visse e tivesse chance de se defender. A Marielle se dizia amiga da minha filha e freqüentava a nossa casa. Isso é uma sujeirada sem tamanho. Agora eu é que sou a desaforada. Tenha a santa paciência!

E foi a partir desse episódio que começaram a ocorrer uma série de desventuras. Araceli e Rosa já não se bicavam mais. Não podiam nem se ver.

Araceli era uma pessoa pacífica que não gostava de briga. Mas Rosa era fora dos trilhos. Encrenqueira, barraqueira, mexeriqueira, tudo isso e muito mais. Resumindo: Rosa era o cão chupando manga. As pendengas não eram somente com Araceli. Algumas pessoas também odiavam a dentista por ela ser grosseira e hostil. Já outras, aceitavam Rosa como ela era e toleravam porque era o jeito. Poderíamos comparar Rosa com um ovo deteriorado, e as pessoas tinham o cuidado para que o ovo não se quebrasse, caso contrário, exalaria o mau cheiro. Sem contar também que as pessoas adulavam Rosa pelo fato de poder frequentar livremente as noitadas que ela oferecia em sua casa, regadas a bebidas alcoólicas. Era um jogo de interesses. Moral da história, Rosa não tinha amigos, tinha sanguessugas.

Devido a tudo o que aconteceu, Araceli e Heitor inventaram entre eles um apelido bem peculiar para a Rosa. Por ela ser gorda, achatada e da cabeça grande, ela recebeu carinhosamente o apelido de Cabeçota. Quem se divertiu com o apelido foi Juno, que caiu na gargalhada e teve uma crise de riso frenético por uns três dias consecutivos. Mas o apelido era um segredo de estado. Ninguém mais poderia saber, caso contrário a coisa iria feder para o lado deles.

Quem sofria era Araceli, que trabalhava no mesmo postinho de saúde com Rosa. Além de morar de frente com a bicha, ela ainda tinha que ver a cara dela todo dia no trabalho.

Já Juno, estava de boa. Por ser um ano mais nova que Marielle, as duas nem estudavam na mesma sala nem na mesma escola. Juno estudava no Instituto O Boi e a

Vitória Ferreira

Vaca e Marielle estudava no Complexo Educacional Bento Carneiro. Embora as duas não confrontassem diretamente, Marielle costumava fazer muitas fofocas a respeito de Juno. Juno não estava nem aí, pois fofoca de concorrência não a atingia.

Já enquanto a Heitor e a Paulênio, eles estavam neutros nessa história. Eles se estranhavam, mas também não saiam no tapa por aí.

Araceli, Heitor e Juno não gostavam da cidade de Lizzie City. A cidade era um meio de mato que ficava longe de tudo, lá no interiorzão do estado do Tocantins. O acesso para a cidade grande era uma horrenda estrada de chão, e demorava-se de três a cinco horas de viagem, dependendo do meio de transporte. Havia a van do César, que tinha mais velocidade e ia pelo caminho mais curto. Esse tal de César era grosseiro, ríspido, mal educado e tosco. Proibia as pessoas de comerem dentro da van dele. Chupar laranja então nem pensar, pois ele afirmava que tinha alergia a laranja. Frescurite, lógico. E também havia um ônibus que era uma lata velha da empresa Vitória. O ônibus era velho, feio, condenado, fedorento, empacava com frequência e ia sempre pelo caminho mais longo. Juno apelidou o ônibus de Grande Bosta Ambulante.

Lizzie City era uma cidade pequena, e os fofoqueiros de plantão estavam a postos para falar da vida

alheia. Todo mundo sabia da vida de todo mundo, e isso era irritante para Heitor, Araceli e Juno. Aquela era uma cidade aprisionadora, longe de tudo e escassa de recursos. Não havia um lugar para sair, nem um shopping, cinema ou restaurante. Era uma cidade parada, um marasmo só.

Quanto a qualidade de ensino, digamos que era estupidamente péssima. A escola era uma negação. Juno estudava no Instituto O Boi e a Vaca, e nada funcionava ali. Lanche ruim, professores desqualificados, educação física era só brincar de bola, enfim. Muitas eram as mazelas da escola onde Juno estudava. Ela, logicamente era revoltada com aquela condição. Para idealistas como Juno, nada pior do que ver todo aquele descaso e não poder fazer muita coisa para reverter aquilo.

No trabalho de Araceli, era uma zona. Faltava remédio, seringa e até atadura. Às vezes aquele postinho ficava mais de meses sem médico. Um foi embora, e o outro viajava demais. Sem contar que ela tinha de aturar Rosa todo santo dia. Rosa ficava a maior parte do tempo trancafiada em seu consultório de dentista, então quase nem era uma ameaça para Araceli. Elas não costumavam se confrontar diretamente, aquela era o tipo de inimizade

Vitória Ferreira

silenciosa. Uma não falava com a outra, mas a futrica rolava solta.

Numa manhã, Araceli, Heitor e Juno estavam sentados à mesa tomando o desjejum e conversando.

- Por que cargas d'água a gente veio parar logo aqui nesse cafundó onde o Judas Iscariotes perdeu as cuecas? - lamentava-se Araceli.

- Realmente complicado. - disse Heitor - Essa cidade é horrível. Eu não gosto de ficar falando mal da cidade onde eu vivo, mas acontece que Lizzie City é demais da conta. Eu estou desempregado, esse postinho aí nem tem estrutura para fazer raios-X. Quem quer fazer radiologia tem que ir lá para Palmas. Hilário é que esse postinho todo mundo insiste em chamar de hospital. Mas que raio de hospital é esse que não tem nem atadura?

- Mais hilário ainda é que aqui as pessoas acham chique ficar doentes e ir se tratar lá em Palmas ou Goiânia.

Aqui, eles até competem para ver quem está mais doente.

- disse Juno.

- Eles também acham chique tomar antibiótico, tem lógica? - disse Araceli - Qualquer coisinha eles já querem que eu receite antibióticos. Pelo amor!

- Você se queixa do trabalho e eu me queixo da escola. - disse Juno.

- Confesso que estou bem preocupada com a qualidade do ensino que a Juno anda recebendo. Aquele colégio é ranhoso. Nada presta ali. E a Juno é uma menina inteligente, e ela está desperdiçando seus talentos aqui nesse mato. É como atirar pérolas aos porcos. - disse Araceli.

- Mas você tem toda a razão em relação a isso. O pior de tudo é que não se acha emprego em outros lugares. Está difícil. Tenho pesquisado todos os dias, maquinando maneiras de ralar peito dessa cidade, mas nada está dando certo. Parece que o emprego para Araceli

foi feito sob medida, e de um jeito bem torto. – disse Heitor.

- A gente detesta a cidade, mas a cidade nos ama.  
Não parece meio irônico? – disse Juno.

- Bota irônico nisso. – disse Araceli.

- Sábia filosofia. – disse Heitor.

- É, paizinho, a sua filhinha aqui é uma pensadora.  
– disse Juno.

Na escola, Juno presenciava a péssima conduta de muitos professores. E daremos sim nome aos bois. Havia duas professoras em especial que adoravam aplicar castigos para quem se comportasse mal ou não fizesse a lição de casa. O castigo era fazer um monte de cópias de texto, ou escrever uma frase cem vezes, também havia o castigo de escrever os números de zero a cinco mil, escrever dez cópias do hino nacional ou ainda copiar toda a letra A do dicionário. Essas professoras eram a Laudinéia e a Laura.

Juno nunca havia recebido castigos dessa natureza, embora já passasse perto por conta de um dever de casa que ela não fez porque estava viajando. Mas com seu poder de persuasão na base de abrir o berreiro, ela se safou dessa situação. Sem contar que Juno também era uma aluna exemplar que não dava um pingão de trabalho, e era querida por todos os professores.

Juno discordava da atitude dos professores. Ela presenciou o drama de muitos colegas que receberam o castigo das cópias, e na maioria das vezes, eram alunos quietos e comportados, que estavam sendo punidos simplesmente porque não fizeram uma tarefa de casa.

E a silenciosa inimizade entre os Bragança e os Aquino continuava. Rosa, ou melhor, Cabeçota, gostava de uma provocação. Toda vez que ela avistava um dos Bragança, ela se benzia. Uma verdadeira pirraça. E quando os três estavam sentados na frente de casa, e Rosa passava pela rua, ela ficava cantarolando só para se aparecer.

Outra coisa que ela fazia como ninguém, era ligar o som alto para o Setor Ipiranga inteirinho escutar. O repertório era eclético. Wesley Safadão, Calcinha Preta, Banda Calypso entre outros.

E numa tarde, Araceli, Juno e Heitor conversavam na frente de casa.

- Ah, como a Cabeçota tem um péssimo gosto musical. - disse Juno.

- Também acho. É cada música horrorosa que ela bota para tocar. - disse Araceli.

- Hilário é que ela coloca para o Setor Ipiranga inteiro escutar, e ela acha que todo mundo está amando a música dela. - disse Heitor.

- Ela não tem o senso do ridículo. - disse Juno - Mas mudando de assunto, eu quero adotar um gatinho.

- É uma excelente idéia. Gatos são ótimas criaturinhas. - disse Araceli - Pois eu vou perguntar lá no meu trabalho quem é que tem gata parida com ninhada para doar.

- Mal posso esperar para ter um filhotinho. - disse Juno.

- Iria alegrar a casa toda.

E começou a longa odisséia a procura de um gato para adotar. Até que encontraram. Matilde, uma colega de trabalho de Araceli, disse que tinha um filhote de gato para dar. Juno ficou feliz da vida.

E no finalzinho da tarde, Matilde chegou a casa de Araceli com a encomenda. Um filhote de gato dentro de um saco. Juno estava feliz pelo amiguinho que ganhara.

- O segredo é girar o saco com o gato dentro. Assim ele fica desorientado e não tem como fugir. - disse Matilde. E começou a girar o gato dentro do saco. Depois, soltou-o. Mas o efeito foi o inverso. O gato surtou, ficou maluco, fez um rebuliço desgraçado na cozinha, quebrou a cozinha inteira, derrubou a panela de pressão, quebrou o vidro de pimenta em conserva, só se ouvia os gritos de Araceli e Juno, e o gato acabou se escafedendo dali para nunca mais

regressar. Heitor assistiu a tudo aquilo com um olhar de reprovação.

Nada mais a ser tratado, Matilde voltou para sua casa. E Juno ficou bastante aborrecida.

- Não foi dessa vez. – disse Juno.

- Não fique triste, docinho. O que mais tem em Lizzie City é gata parida. – disse Araceli.

- Essa Matilde é tapada, só pode. Tem lógica a pessoa girar o gato? É evidente que ele ficaria estressado. Essa mulher não sabe de nada, francamente. – disse Heitor.

- E a tonta aqui acreditando na sabedoria popular. – disse Araceli – Ou melhor, ignorância popular.

- Você não é tonta, apenas não tem a mesma experiência que eu tenho se tratando de gatos. – disse Heitor.

- Olha o especialista falando. – disse Juno.

Vitória Ferreira

- E sou mesmo. – disse Heitor – Eu crio gato desde que eu me entendo por gente.

- Então a nossa busca continuará. – disse Araceli.

Numa tarde, Juno e sua amiga Larisse estavam jogando xadrez. E surgiu o assunto do gato.

- Minha tia tem uma gata que teve filhote. É um gatinho amarelinho lindo. – disse Larisse.

- Mesmo? Que legal! Eu vou falar com meus pais.

- Se quiser, podemos ver isso agora mesmo.

- Formidável.

Juno e Larisse foram falar com Araceli e Heitor.

- Opa, isso é incrível. – disse Araceli.

- Se embora ver esse gato. – disse Heitor.

E todos desceram lá para a casa da tia de Larisse, cujo nome era Simplícia.

- Boas tardes, dona Simplícia. A Larisse estava me falando que você tem um filhote de gato para dar. – disse Heitor.

- Boas tardes, eu tenho sim. – disse Simplícia – Aqui está.

Era um gato amarelo, lindo, parecia um filhotinho de tigre. A coisinha mais fofa do mundo.

- Ai que amor! – disse Juno, com aquele sotaque paulista que carrega nos erres.

- Que lindo! – disse Araceli.

- Vamos levar. – disse Heitor.

- Vamos colocá-lo em um saco. – disse Simplícia.

Então Araceli, Juno e Heitor voltaram para a casa com o gato. Chegando lá, Heitor explicou todo o procedimento:

- Seguinte, nós vamos deixar o gatinho preso no quarto da Juno. Deixaremos lá a caixinha de areia, a água e a ração. Ele precisa se acostumar. E só depois, quando for hora da gente ir dormir, o soltaremos para conhecer a casa.

- Beleza então. - disse Araceli.

- Enquanto isso, pensarei em um lindo nome pro meu amorzinho. - disse Juno.

Antes de dormir, o nome saiu.

- Ele vai se chamar Heitorzinho, em homenagem a você, pai. Segundo nome, Banana, porque ele é todo amarelinho. - disse Juno.

- Adorei o nome. Heitorzinho Banana. - disse Heitor.

- Combinou direitinho com ele. - disse Araceli.

Dez e meia da noite. Todos se recolheram. Aquela noite foi ótima para Juno. O pequeno Heitorzinho ficava passeando pela cama dela, explorando o território e conhecendo sua nova dona. Naquela noite, Juno quase nem dormiu direito, de tão feliz que estava e porque o gato andava em cima dela.

No dia seguinte, na escola, Juno e Larisse conversavam sobre Heitorzinho.

- Ele é a coisinha mais fofa do mundo. Ele passou a noite inteira comigo, dormiu na minha cama. - disse Juno.

- Você já escolheu um nome para ele? - perguntou Larisse.

- Ah, sim. Heitorzinho Banana. Heitorzinho, em homenagem ao meu pai. E Banana porque ele é amarelinho.

- O nome combinou com ele.

- Minha mãe disse a mesma coisa. O Heitorzinho se parece muito com o David Beckham.

- Ai, ai.

- Parece mesmo.

Rosa, ou melhor, Cabeçota, tinha uma cadela cujo nome era Melanie. Até aí ela era do contra. Enquanto Araceli criava gato, a Cabeçota criava cachorro.

Certa feita, a cachorra Melanie se apaixonou por Life, o cachorro da assistente social Jesus. Entre idas e vindas, eles cruzaram e a Melanie emprenhou. Mas era cruzamento de duas raças diferentes. Melanie era da raça pinscher e Life era de uma raça bem maior. E como resultado, Melanie teve um parto bem difícil.

Cabeçota chamou o veterinário adventista que morava lá vizinho para ajudar. Era um veterinário que se recusou a castrar Heitorzinho porque estava em falta um tal de Ralotane, que era um anestésico. Ao ver o sofrimento de parto da cadela, Marielle ficou chorando e dando chlique.

Alguns momentos depois, nasceram os bichos. Eles eram o xodó de Cabeçota e de Marielle, que ficaram babando por eles. Elas já eram chatas e enjoadas, agora estava bem pior.

Mas não demorou nem três dias, e Melanie bateu as botas. Foi um berreiro lascado na casa da Cabeçota. Marielle então chorava feito uma condenada. E então o veneninho da discórdia foi lançado. Ela ficava acusando Araceli e Heitor pela morte de Melanie.

Bastava Araceli, Juno e Heitor sentarem em frente a casa, que Rosa já pegava os filhotinhos para mostrar para as visitas e dizer:

- A mãe deles morreu, deram veneno.

Aquilo era uma indireta para Araceli e Heitor. E aquilo se repetia. Ela falava a mesma coisa.

- Eu fico injuriada com um trem desses. Onde já se viu nos acusar pela morte dessa cachorra nojenta? – disse Araceli.

- Eu estou P da vida. Ninguém acusa meus pais assim e fica por isso mesmo. - disse Juno.

- Calma Juno. - disse Heitor - E fale baixo, porque as paredes têm ouvidos e o mato tem olho. É assim mesmo, a Rosa vai destilar o veneno da discórdia sempre que tiver oportunidade. Mas o que importa é que estamos de consciência limpa.

- Ai, ai. Essa Cabeçota é tapada mesmo. A Melanie era pequenininha, o Life é grandão. Então é lógico que a Melanie não agüentou o parto de cachorros de grande porte. Mulherzinha encrenqueira. - disse Araceli.

- Quero mais é que ela vá tomar banho na soda. - disse Juno.

- Até que não é má idéia. - disse Heitor.

Rosa e Paulênio decidiram se dedicar a criação de galinhas por puro entretenimento e também porque eles eram uns desocupados que não tinham o que fazer. Aquilo estava se tornando patético, eles viviam só em função dessas galinhas.

Volta e meia, ouvia-se da casa de Araceli, as vozes de Rosa falando com seu marido: *“Amor, dois ovos”, “Amor, um ovo de duas gemas”*.

Quem se divertia com tudo isso era Juno. Ela via piada em tudo relacionado à Cabeçota. Araceli e Heitor também estavam rindo demais.

- Esse povo não tem o que fazer na vida. Só ficam aí, nessas galinhas fedorentas. - disse Araceli.

- Bom que elas produzem uns ovinhos caipiras. - disse Heitor.

- Delícia, assim você me mata. O bife do olhão é imbatível. – disse Juno.

- A Cabeçota realmente é uma figura hilária. Ela é o cão chupando manga, mas vamos combinar que dá para arrancar umas boas risadas disso tudo. – disse Araceli

- Eu tenho uma música para o momento. Vou ali buscar o violão. – disse Juno.

- Vê lá o que você vai aprontar, hein Juno. Não nos coloque em roubadas. – disse Heitor.

- Rum, ai, ai. – desdenhou Juno.

Dedilhando as cordas do violão, Juno pôs se a cantar:

**Eu tinha uma galinha que se chamava Merilu**

**Um dia, fiquei com fome e comi a Merilu**

**Merilu, Merilu. Tinha cara de babaca**

**Merilu, Merilu. Botava ovo pela cloaca**

- Bravo! – disse Araceli, rindo.

- *C'est Formidable. Oh La, La.* – disse Heitor.

- Obrigada Brasil! – disse Juno, se curvando perante o seu pequeno público composto por pai e mãe.

- Eita Juno, você está provocando. – disse Heitor.

- Está mesmo, e é bom você parar. – disse Araceli.

- Uai, vocês riram e gostaram. E além do mais, eu estou provocando mesmo. É o que a Cabeçota vive fazendo com a gente. Pirraça. Toda vez que ela nos vê, ela se benze. Ela gosta de botar o Wesley Safadão para tocar bem alto para Lizzie City inteira escutar. Agora porque eu estou cantando uma musica do Ultraje a Rigor, eu é que estou errada. – disse Juno, revoltada.

- Juno tem razão. Eu estou para me acabar de rir. – disse Araceli.

- Eu também. – disse Heitor.

Pérolas de Lizzie City

E todos riram freneticamente naquela tarde. Riram até a barriga doer.

Heitor havia plantado cinquenta pés de mandioca em seu quintal. Mandioca das boas, perfeita para cozinhar, bem molinha, ficava uma delícia com manteiga por cima. Mas o que ele não contava era com as visitas noturnas de um jegue que iria lá para destruir a plantação. Essa novela se repetiu por várias noites.

- Não sei mais o que eu faço. Esse burro FDP está acabando com a minha roça de mandioca. – disse Heitor.

- Oremos. – disse Juno.

- Ai, ai. Esse burro carece de uma boa coça para aprender a lição. – disse Araceli.

- Pois é isso mesmo que eu vou fazer. Chega de noites mal dormidas por causa de um eqüino. – disse Heitor.

E então, Heitor planejou carinhosamente todo um esquema de ataque. Todos os procedimentos e estratégias para pegar o burro.

Chegou a grande noite. Heitor se rolava na cama de tanta ansiedade.

- Fique quieto, Heitor. – disse Araceli.

- Eu não consigo dormir, Araceli. E se eu adormecer, eu perco a chance de dar uns catiripapos nesse bicho. – disse Heitor.

Naquela noite não foi diferente. O burro deu o ar de sua graça no quintal dos Bragança.

- Opa, ele está bem aí. – disse Heitor.

- Então arrocha. – disse Araceli.

Juno, que ouvira tudo, levantou-se de sua cama para ir ver o que se passava.

- Essa eu não quero perder. Vamos ficar aqui assistindo de camarote. – disse Juno.

- É hoje. – disse Araceli.

Heitor pegou o cabo da enxada, e pé ante pé ele foi de encontro ao burro. E sem hesitar, desceu-lhe o sarrafo. O burro relinchava, e naquela noite ele apanhou igual mulher de traficante.

- Toma miséria! – disse Heitor.

E o burro se escafedeu para nunca mais voltar.

- Isso é melhor do que MMA. – disse Juno.

- Sem sombra de dúvidas. – disse Araceli.

- Pronto, agora ele não volta mais. Eu estou me sentindo o Chuck Norris. – disse Heitor.

- Então vamos dormir, Chuck Norris. – disse Araceli.

## Pérolas de Lizzie City

- E esse foi o último capítulo da novela Quem é o Burro. – disse Juno.

- Graças a Deus. – disse Heitor.

- Isso vai render uma boa redação para mim. – disse Juno.

Numa dessas manhãs normais, em que Juno estava na escola, aconteceu algo bem revoltante. Já era a última aula, e a sala de Juno naquele dia estava atacada. Sem professor por perto, a farra rolava solta. Conversa alta, bagunça, bolas de papel sendo arremessadas, enfim. Uma autêntica zona.

Laudinéia, furiosa, foi até lá e disse:

- Vai todo mundo copiar o hino nacional! Pode começar agora! Sala bagunceira! Mas será o Benedito?

Aquilo era injusto. Nem todos estavam bagunçando. Juno, por exemplo, estava quieta e teria de ser castigada pela bagunça que não fez. A turma ficou lá de castigo sem supervisão. Sem hesitar, Juno fugiu da escola e correu para o postinho de saúde, onde Araceli se encontrava. Já era quase hora de embora.

- Mãe, vamos embora. A Laudinéia passou castigo para todo mundo na sala. Todo mundo copiando o hino nacional. Nem todos estavam bagunçando. Eu, por exemplo, estava quieta. – disse Juno, nervosa e com medo.

- Pois agora vamos lá para a escola que eu vou falar com a Laudinéia. Quem ela pensa que é para castigar você e outros inocentes? E mesmo se os outros fossem culpados, ela não tem esse direito de castigar as pessoas. – disse Araceli.

Araceli e Juno voltaram para o Instituto O Boi e a Vaca. E do portão, Rosa ficava lá espiando para fazer futrica. Ela adorava ver o circo pegando fogo, pensava que Juno havia aprontado na escola e Araceli teve de ir lá conversar com a diretora. Araceli percebeu a futrica de Rosa e disse furiosa:

- Vá se ferrar, sua vagabunda!

Rosa resmungou umas coisinhas e baixou a bola no mesmo instante.

Vitória Ferreira

- O que houve, Araceli? – perguntou Laudinéia.

- Gente futriqueira cuidando da minha vida. – respondeu Araceli – Eu vim falar sobre Juno, eu não aceito que a minha filha seja castigada por uma travessura que não cometeu. Ela vai comigo para a casa e não vai copiar hino nacional nenhum.

- Beleza então. – disse Laudinéia – A Juno está liberada.

Araceli e Juno chegaram em casa soltando fumaça pelas ventas.

- Mas o que se passa? Vocês aparentam estar bem revoltadas. – disse Heitor.

- A chata da Laudinéia passou castigo em todo mundo por causa da bagunça. Mandou todo mundo ir copiar o hino nacional. Mas eu não copiei. Eu não tenho nada a ver com a bagunça daqueles meus colegas terroristas. E além do mais, professor nenhum pode passar castigos dessa natureza. – disse Juno.

- Mas não pode mesmo. Isso é um absurdo! Eu vou denunciar essa professora lá para a diretoria regional de ensino lá de Miracema. – disse Heitor.

- Isso mesmo, pai. É a Laudinéia e a Laura. Elas adoram passar esses castigos ridículos. Porcaria de

método caquético de disciplina. Isso não existe. – disse Juno.

- De hoje não passa. Vamos denunciar essas professoras. – disse Araceli – Pior ainda é que a Cabeçota viu tudo e ficou se rindo, pensando que a Juno fez besteira na escola e iria levar uma advertência. Mas eu dei uma boa resposta para ela, que ficou sem graça e nem teve coragem de me enfrentar.

Heitor pegou o telefone e ligou para a Diretoria Regional de Ensino de Miracema. Ele fez a denúncia, e a mulher lá da Diretoria disse que aquele método era antipedagógico. Laudinéia e Laura estavam redondamente erradas. A denúncia funcionou. Depois disso, nunca mais se ouviu falar em castigos dessa natureza no Instituto O Boi e a Vaca. Também, no mínimo a Diretoria de Ensino bateu direto lá e deu uma boa prensa nas duas professoras.

Rosa, ou melhor, Cabeçota, em sociedade com Paulênio iriam montar um restaurante na cidade. Ou melhor, fora da cidade. Havia uma construção abandonada no Balneário da cidade. Era um lugar horrível, cheio de mato e o balneário era a coisa mais nojenta do mundo. Água suja, tinha de tudo quanto é porcaria e até bosta boiando na água. Por conta disso, o Balneário foi apelidado de “Bosteário” pelos moradores de Lizzie City. Mas mesmo assim Rosa e Paulênio meteram a cara e resolveram montar o empreendimento.

Eles encomendaram tudo o que um restaurante precisava ter. Panelas, utensílios de cozinha, pratos, copos, talheres, toalhas, guardanapos, mesas, cadeiras, etc. Um caminhão trouxe toda essa parafernália.

Cheios de gás e energia, Paulênio e Rosa abriram o Restaurante Aquino, lá no “Bosteário”. Eles estavam se

Vitória Ferreira

achando os tais. Mas o negócio foi à falência antes mesmo de começar. Ninguém tinha pachorra para ir lá no “Bosteário”. Também havia a questão de que em cidades como Lizzie City, não é comum as pessoas jantarem em restaurante, pois restaurantes só dão certo em cidades grandes.

Só para variar, Rosa e Paulênio se ferraram. Ficaram no prejuízo.

Numa manhã de sábado, Araceli e Juno foram à manicure, cujo nome era Ana Luísa. Ela era bastante amiga de Araceli e ambas tinham em comum a antipatia por Rosa. Ana Luísa pôs se a contar a experiência desagradável que vivera nas mãos da dentista:

- Aquela Rosa é insuportável. Agora eu fiquei revoltada com ela. Quando eu fui me consultar com ela, ela me tratou com rispidez, do jeito que ela trata todos os pacientes dela. Por conta disso, eu tomei raiva e fui me consultar com o Cleiciano. Ele sim sabe trabalhar. Pessoa educada e profissional competente. Mas aí quando a Rosa descobriu que eu consultei com o Cleiciano, ela ficou fula da vida e me falou um monte. Ela me ofendeu para valer. Eu fiquei com as pernas bambas, eu estava tremendo, as mãos congelaram.

- Essa mulher é terrível. - disse Araceli.

- Bota terrível nisso. Mas então eu engoli a choradeira, me recompus, tomei um pouco de água e fui enfrentar a fera. Mas eu despejei umas boas verdades em cima dela. Falei um monte. Eu disse para ela que eu me consulto com quem eu bem entender, e que ela não manda na minha vida. Enfim, dei uma boa prensa nela e ela calou a boca na hora. – disse Ana Luísa.

- Isso mesmo, Luisinha. Certas pessoas a gente precisa colocá-las em seus devidos lugares. – disse Juno.

- Também acho. A Rosa é uma incompetente, maltrata a todos os pacientes dela. E as crianças então? Meu Deus, aquela mulher é o pesadelo de toda criança. – disse Araceli.

- Pesadelo das crianças e dos adultos. – disse Juno.

- Ela maltrata aquela assistente dela, a Helen, mulher do Sargento motorista da ambulância. Fica se mangando dela porque ela usa a havaiana em um pé de uma cor e no outro pé de outra cor. Já que ela se incomoda

com isso, ela bem que poderia dar uma chinela nova para ela. A Rosa também explora a Helen. A coitada era obrigada a trabalhar mesmo com caxumba, porque senão os futriqueiros iam dizer que ela não trabalha porque não quer. – disse Araceli.

- Eu se fosse a Helen já teria me demitido. Prefiro trabalhar na roça a trabalhar com a Rosa. Trocadilho legal que eu fiz agora. E outra coisa, se eu tivesse meus filhos, eu preferiria mil vezes que eles ficassem com os dentes tudo cariado do que ter que ir se consultar com essa criatura espantosa. – disse Juno.

Numa tarde, Juno estava na casa de sua amiga Andréia. As duas estavam na varanda conversando sobre Marielle.

- Detesto fofoca, mas como a Marielle estuda na minha sala, eu me sinto no dever de te falar. Ela disse que você é briguenta, que sua casa é uma bagunça e que você não oferece nada para as visitas. – disse Andréia.

- Rum, ai, ai. – disse Juno – Ainda bem que você me falou isso. Eu nem esquento com o que a Marielle anda falando de mim. Futrica de concorrência não me atinge. Para começar, ela é a briguenta. Não sou eu quem fica por aí saindo no tapa com os outros e metendo a sandália na cara dos outros. Depois, eu sempre ofereço alguma coisa para as visitas quando tem. Das vezes que ela foi lá, ela comeu muito bem. Ela é que não me oferece nada do que está comendo. Ela chegou na minha casa um dia com um

Toddinho e nem me ofereceu. E ela também tem mania de comer o salgadinho e só oferecer para os outros quando só tem o farelo no fundo. E a minha casa está sempre organizada, a dela é que é uma baderna.

- Também acho. Ela tem mania de comer balas e jogar as embalagens no chão. Chega-se na casa dela, e está lá um monte de papel de bala no chão da sala.

- Depois é a minha casa é que é a bagunçada. Hilário ainda é a Marielle ser viciada em bala. Logo a Marielle, filha de uma dentista, deveria saber que balas e chicletes estragam os dentes.

- Eu até que era meio amiga dela, mas eu larguei de mão. Aquela menina é muito falsa. Até esses tempos ela vinha na minha casa, mas agora isso vai ter que acabar. Quando vem as amiguinhas dela de outra cidade, ela simplesmente me descarta. E mais sujo ainda, é que ela inventou para essas amiguinhas que eu era falsa.

Vitória Ferreira

- Mas que descarada! Falsa é ela que pagou de amiguinha sua para te apunhalar pelas costas. Foi desse jeito que ela fez comigo. Eu já te contei a história, afinal, Lizzie City inteira sabe disso.

- Não sei por que ainda tem gente que agüenta a companhia insuportável dela.

- Vai ver são pessoas iguaiszinhas a ela.

Araceli estava vivendo o verdadeiro inferno no trabalho. Tudo porque Rosa adorava fazer uma pirraça.

Numa dessas manhãs no postinho de saúde, Rosa já começou.

- Araceli, você é uma péssima profissional. - disse Rosa.

- E você então é a funcionária impecável, deveria até ganhar uma estrelinha no final do dia. Tenha a santa paciência, Rosa! Você não sabe de nada! Acontece que Lizzie City inteira me ama, porque eu tenho carisma, eu sei lidar com as pessoas. Agora você, espanta todos os seus pacientes. Você é uma criatura medonha e espantosa que fica ostentando sua seringa enorme e rindo feito bruxa! As crianças têm medo de você. E os adultos também. Quem é a péssima profissional agora? - disse Araceli, furiosa.

- Cachorra! Vagabunda!

- Pode xingar, pois o que vem debaixo não me atinge. Você tem é inveja de mim.

- Eu, inveja de você? Faça-me o favor.

- Vamos, Rosa. Confessa logo. Você é uma invejosa. O fato é que todos me amam, mas odeiam você.

Rosa saiu do postinho e foi na polícia fazer um boletim de ocorrência contra Araceli. Quando Araceli ficou sabendo por sua amiga Valéria, mãe da Andréia, que era policial militar, decidiu ir lá também fazer o seu BO.

Era uma manhã de quarta-feira, dia vinte e sete de junho. Último dia de aulas. Todos os alunos estavam bem felizes porque as férias estavam bem aí. Aquele dia, as aulas estavam sendo só descontração. Os alunos puseram as carteiras em volta da sala fazendo um círculo e ficavam conversando. No horário, era aula de Técnicas Agrícolas, com a professora Antonina.

Todos lá em clima de descontração. Antonina e um aluno se enfrentaram na queda-de-braço. E a partir de então, todos tiveram a mesma idéia. E todos ali ficaram jogando queda-de-braço. Até Juno entrou na brincadeira. Ela e Larisse ficaram lá tirando queda-de-braço por um bom tempo. Foi diversão demais.

Depois, Juno foi ler um pouco na biblioteca. Então a bibliotecária disse:

- Hei, dizem por aí que a sua mãe e a dentista não se dão muito bem.

- Olha, a parada é a seguinte. A Rosa é a encrenqueira. Ela provocou todo esse clima tenso. Começou porque a Marielle é uma falsa e dissimulada, e me fez o gesto obsceno do dedo do meio nas minhas costas sem que eu tivesse chance de me defender. Então a minha mãe deu uma bronca nela, logicamente. Isso foi tudo para a Rosa encrençar. Portanto, não vá pensando que as duas ficam brigando de graça, porque foi a dentista quem começou. Impressionante como em cidade pequena todo mundo tem que alcovitar da vida alheia. - disse Juno.

- Calma Juno.

- Calma nada. As pessoas ficam aí fazendo futrica com o nome da minha mãe e eu ainda tenho de ficar calma. Pelo amor! Apesar de tudo, nada vai estragar meu dia hoje. A aula hoje foi comédia. Passamos o tempo todo jogando queda-de-braço, foi massa demais. Eu descobri

uma força física que eu nem sabia que tinha. E também hoje é o último dia de aula. Estou oficialmente de férias, vou passar o verão lá no Pará, nas beiras do Rio Araguaia e me divertindo muito.

- Nada como viajar nas férias.

- Também acho.

Araceli, Juno e Heitor passaram as férias de verão no Pontão, divisa de Pará com Tocantins. Mas para eles tirarem estas férias, não foi nada fácil. Quase que entra areia nos planos deles. Heitor tinha ido a Palmas antes. Araceli e Juno iriam depois. Estava tudo acertado para Araceli tirar férias do trabalho. Mas aí o enfermeiro Johnson cascou fora, deixando Araceli como única enfermeira na cidade. Então, a secretária de saúde cujo nome era Juci não queria deixar que Araceli viajasse de jeito nenhum. Mas já estava tudo planejado, aquelas eram as férias de Araceli e nada iria estragar.

Juno e Araceli tiveram de viajar escondidas, como se estivessem fugindo da cidade. Ninguém poderia saber que as duas pegariam o ônibus para Palmas no domingo de manhã. Mãe e filha saíram à francesa de Lizzie City. E a partir daí, só de boa. Em Palmas as duas se encontraram com Heitor e pegaram o ônibus no mesmo dia para

Araguaína. E de Araguaína, os três pegaram o ônibus para Pontão. E deu tudo certo.

Eles ficaram hospedados na casa de uns amigos cubanos, a Susana e o Jorge. Susana era médica, e já trabalhou com Araceli em outros carnavais, lá na cidade de Centenário. Jorge era um exemplo de “dono-de-casa”, assim como Heitor. Jorge nem sabia falar português, mas todos entendiam o que ele falava.

Eles tinham uma cadelinha pinscher cujo nome era Brigitte. Uma gracinha. Toda alegre e espreitada, estava sempre pulando. A cadelinha caiu nas graças de Juno, que passava o tempo todo brincando com ela. E visto que cachorros dormem à noite, Juno até pediu para Susana para que Brigitte dormisse com ela. Mas Susana disse que ela costumava fazer pipi na cama. Então ficou por aquilo mesmo.

Araceli era ativa e não gostava de ficar parada. Então ela pediu a Susana para acompanhá-la ao postinho de saúde do vilarejo para ser voluntária lá durante as

férias. E durante esse tempo em que ela ficou lá, ganhou a simpatia daquele povo acolhedor.

Pontão, ou melhor, São José do Araguaia, era um vilarejo muito bom. Embora todas as ruas fossem de chão batido, aquele vilarejo era rico por conta da mineradora que tinha sua sede lá. E por ser vilarejo, era bem maior que Lizzie City, que era uma cidade.

Araceli, Juno e Heitor passaram férias incríveis em São José do Araguaia. Eles tomavam banho de rio todo dia e se divertiram muito. Eles se desanuviaram da atmosfera tensa de Lizzie City, e agora estavam bem relaxados, como não faziam há tempos.

Hora de voltar para a realidade. Araceli, Heitor e Juno regressaram a Lizzie City. E energia pesada vinha por aí.

Que o trabalho de Araceli era uma zona, isso já não é nenhuma novidade. Mas de uns tempos para cá, as coisas saíram do limite. O único médico da cidade resolveu fazer um curso lá na Bolívia e iria ficar uns três meses fora. O outro enfermeiro resolveu tirar férias também. Araceli teve de ficar sozinha segurando as pontas lá no postinho de saúde.

Araceli vivenciava um verdadeiro inferno. As pessoas a chamavam na casa dela para atender mesmo fora do expediente. Até de madrugada a chamavam porque sempre tinha alguém passando mal. E o corrupto do prefeito nem pagava hora extra. Araceli fazia das tripas

coração em seu trabalho para no fim do mês ganhar uns míseros dois mil reais.

Visto que o médico andava ausente, aparecia um monte de mulher parindo no postinho, e Araceli tinha de fazer o parto. Ela não era médica, mas era a única pessoa que poderia fazer o trabalho. Ou não. Araceli estava na berlinda de Cabeçota, que de qualquer maneira iria acusá-la. Se Araceli fizesse os partos, sem sombra de dúvidas ela iria denunciá-la por exercício ilegal da profissão. Agora se Araceli se recusasse a fazer os partos, também seria denunciada, só que dessa vez por negligência.

Araceli já estava ficando estressada com aquela condição. Além de fazer o serviço dos outros, ela ainda tinha de aturar as futricas da Cabeçota, que continuava destilando o veneninho da discórdia.

Era uma noite de domingo. Araceli, Juno e Heitor haviam acabado de sair do culto. E então chamaram Araceli porque havia uma mulher parindo. Foi todo mundo para o hospital.

Chegando lá, a mulher foi levada para a sala de parto e o procedimento começou. Araceli chamou Heitor para fazer o parto da mulher. Ele tinha certa experiência com obstetrícia. Juno queria porque queria assistir ao parto, mas Araceli proibiu.

- Mas mãe, eu já tenho idade para ver isso. E eu quero aprender a fazer parto. - insistiu Juno.

Vitória Ferreira

- A questão não é ter idade, a questão é que pode ser meio constrangedor para a mulher uma estranha assistir ela parindo. Fique aqui e nos espere. - disse Araceli.

Juno cedeu então. E ficou na sala de espera.

Heitor fez o parto daquela mulher. Depois de muita dor e contrações, nasceu um bebê lindo pesando dois quilos e meio.

Quando tudo acabou, Heitor e Araceli tiveram aquela incrível sensação de dever cumprido. Eles voltaram para a casa lá para a meia noite.

E Rosa ficou logo sabendo do episódio. Agora ela iria pegar pesado mesmo. Ela estava disposta a denunciar Heitor porque ele não era médico e nem trabalhava no postinho, mas fez o parto da mulher.

Numa manhã, Rosa ameaçou Araceli, dizendo:

- Eu vou denunciar o seu marido. Se ele não trabalha aqui, ele não pode fazer partos. Ele vai se lascar lindamente.

- Vai, denuncia logo! Esse postinho de saúde é uma negação! Estamos sem médico, e eu estou carregando este postinho nas costas! Quero ver você denunciar! Vai logo, vagabunda! Eu não tenho medo de você! – disse Araceli.

Em Lizzie City, as fofocas corriam em tempo recorde. Até Juno ficou sabendo lá na escola. A professora Laura quem contou, pois como o marido dela era motorista da ambulância, ele ficava sabendo dessas coisas.

- A Rosa vai denunciar seu pai porque ele fez um parto. – disse Laura.

- Tinha de ser a Rosa! – disse Juno – Eu não agüento mais! Ela está sempre fazendo futrica com a minha família! Dentista desgraçada! Ela é quem deveria ser presa por aterrorizar as criancinhas! Cansei de ser boazinha e complacente. Eu vou começar a futricar também, mandar indireta no Facebook, provocar, enfim.

Naquele dia, Juno e Araceli chegaram em casa chorando.

- O que aconteceu? – perguntou Heitor.

- A Rosa vai te denunciar porque você fez o parto. - disse Araceli.

- Isso é um absurdo! Essa droga de postinho não tem médico, eu estava com a intenção de te ajudar. Um monte de mulher vai fazer parto com a velha Cesária, aquela mulher é analfabeta, tem pra lá de cem anos e é cega por conta da catarata. Por que não a denunciam? Sem contar que existem aquelas mulheres que parem no mato. Eu não tenho medo dela. Por mim ela pode denunciar porque o argumento dela não vai colar. - disse Heitor.

- Mulherzinha sórdida. - disse Juno - Eu desejo que tudo de ruim vá para ela. Eu desejo que ela contraia um furúnculo no sovaco.

Cabeçota até tentou denunciar, mas o policial Barros era amigo da família Bragança e desconsiderou a denuncia da dentista. Barros era casado com a militar Valéria, e era padraсто de Andréia, que era melhor amiga de Juno. E o assunto foi encerrado. Mas Cabeçota não desistia fácil quando se tratava de queimar o filme da família Bragança.

Visto que Heitor estava desempregado, ele teve uma idéia bem criativa. Faturar uma graninha com fotos 3x4. Ele havia adquirido recentemente uma câmera digital, e era tudo o que ele precisava.

Heitor ganhou muito dinheiro em Lizzie City com as fotos para documento. Todos os dias havia clientes procurando o serviço. E foi aí que Cabeçota lançou a discórdia. Ela vivia em função de espionar a casa dos Bragança.

As fotos 3x4 vinham em um pacotinho de papel, e todos os dias pessoas mandavam fazer fotos. E isso foi tudo para Cabeçota inventar a história de que Heitor estava praticando tráfico de drogas.

Rosa foi na delegacia e despejou a denúncia. Mas o policial Barros sabia que Heitor não mexia com drogas e que estava trabalhando dignamente. Mas ele foi obrigado a revistar a casa dos Bragança.

A notícia correu pela cidade inteira. Quando Juno ficou sabendo, se debulhou em lágrimas e não teve disposição para continuar na escola. Seu pai estava sendo tachado de traficante.

Juno correu para o postinho de saúde. Ela estava se descabelando e chorando muito, e a histeria tomou conta.

- Dessa vez a Rosa passou dos limites! Inventar mentiras sobre o meu pai já é demais! Aquela vadia! Ninguém mexe com o meu pai e fica por isso mesmo! Ela que vá para a baixa da égua! - gritava Juno.

- Eu já fiquei sabendo de tudo. Aquela Rosa foi longe demais. Agora ela vai ver a minha fúria. Que a polícia reviste a minha casa e prove para Lizzie City inteira que nós somos trabalhadores honrados! - disse Araceli.

- A dentista é que é a drogada ali. Além de beber feito homem, ela ainda fuma maconha. Eu sinto o cheiro do incenso que ela usa para camuflar a maconha! Ela é gorda assim porque ela come demais por causa da larica! - disse Juno.

- Acalme-se, docinho. Tome um pouco de água. - disse Araceli.

Juno estava trêmula, as pernas estavam bambas, as mãos congeladas, olhos vermelhos de tanto chorar e o cabelo todo desalinhado. Ela bebeu a água e se acalmou um pouco.

- Juno, relaxa. Quem não deve não teme. Somos inocentes nessa história. A polícia não vai encontrar nada em nossa casa. E quem vai se passar por mentirosa é a Rosa. - disse Araceli.

- Agora a gente a denuncia por calúnia, difamação, também denunciaremos ela por maltratar os pacientes e por porte ilegal de maconha. Ah, eu quero ir embora dessa cidade. Eu não agüento mais conviver com o capeta, morar de frente para o capeta. - disse Juno.

Chegando em casa, Araceli e Juno tinham boas notícias.

- Pelo visto vocês já ficaram sabendo. O Barros revistou a nossa casa e não encontrou nada. Ele pediu desculpas por aquilo, mas disse que precisava fazer aquilo porque era a obrigação dele. - disse Heitor.

- Chupa, Cabeçota! - disse Juno.

- Agora vamos fazer justiça. - disse Araceli - Nós iremos denunciar a Cabeçota por todo o dano que ela nos causou, pelo dano que ela causou no trabalho também e pelo porte ilegal de maconha.

- Também tem isso? - perguntou Heitor.

- Não vai me dizer que você nunca sentiu o cheiro do incenso na casa dela? Sem contar aquela música doida que ela coloca para tocar. É um tal de Eu Vi Gnomos. - disse Juno.

- É mesmo, eu bem que desconfiei. - disse Heitor.

Araceli e Heitor denunciaram Rosa por tudo aquilo citado anteriormente. E era tudo verdade. No meio das investigações, descobriu-se que ela também não era dentista de verdade, e que a credencial do CRO dela era falsa. Cabeçota não era dentista, era tira-dentes. A máscara caiu. Todos souberam quem realmente era Rosa Marie de Aquino.

Cabeçota pagou fiança, arrumou um advogado qualquer e foi liberada. Mas o castigo veio de outras maneiras também. Descobriu-se que o Celta prateado dela era clonado. Depois, ela e Paulênio deram carona para um doente, o carro empacou no meio do caminho, o doente abotoou o paletó de madeira dentro do carro, o presunto começou a feder. E ainda para arrematar, Rosa quase foi presa por fazer boca de urna na eleição.

Rosa, Paulênio e Marielle tiveram uma série de urucubacas e aprenderam a não mexer com gente de bem. Araceli, Juno e Heitor saíram vencedores dessa história. Lizzie City inteira os amava.

E então, as oportunidades se abriram. Depois de passarem altos perrengues em Lizzie City, a cidade dos fofoqueiros de plantão, eles finalmente iriam se escafeder dali. Heitor e Araceli haviam juntado economias e se mudaram para Lisboa, Portugal. E a família Bragança foi para lá. Lizzie City chorou a partida deles, pessoas carismáticas que mudaram a vida de muita gente ali. E naquele ano em que passaram ali, fizeram um rebuliço danado de bom.

Araceli, Juno e Heitor viveram felizes para sempre em Lisboa. Já Rosa, Paulênio e Marielle, foram compelidos a padecer naquela cidade até os dias atuais.

**Fim**





